



## CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO

Na maior ofensiva desde o início da guerra em Gaza, forças de Netanyahu e grupo islâmico patrocinado pelo Irã lançam centenas de foguetes e bombas na fronteira com o Líbano. Ataques cessam, mas não há indicação do fim da animosidade

# Israel e Hezbollah testam limites

Em meio ao temor de uma guerra regional no Oriente Médio, Israel e o movimento Hezbollah deflagraram, ontem, ataques aéreos mútuos na fronteira com o Líbano — os maiores, desde o início da ofensiva contra Gaza, há quase um ano. Às 19h locais (15h de Brasília), os bombardeios e lançamentos de drones pararam. Ao menos por ora, nenhum dos lados declarou interesse em elevar as hostilidades a um patamar bélico. Porém, tanto o grupo islâmico, patrocinado pelo Irã, quanto Tel Aviv sinalizaram que novas investidas não estão descartadas.

Pouco antes das 5h locais de domingo, as Forças de Defesa Israelenses lançaram um ataque “preventivo” no Líbano, com cerca de 100 aeronaves. O alvo eram lançadores de foguetes voltados para o norte de Israel em 40 zonas de tiro ao sul do país vizinho. A justificativa seria uma informação obtida por Tel Aviv de que o grupo armado, apoiador do Hamas na guerra em Gaza, pretendia alvejar o inimigo com 6 mil a 8 mil foguetes e drones.

O chefe do Hezbollah libanês, Hasan Nasrallah, afirmou, em um discurso televisionado, que o ataque planejado teve como alvo a principal base de inteligência militar israelense, Gilot, 110km da fronteira com o Líbano. Ali também está a sede do Mossad, o serviço de inteligência estrangeira de Israel.

### Resposta

Segundo Nasrallah, a ofensiva foi uma resposta à morte de um dos principais comandantes militares do Hezbollah, Fuad Shukur, em um bombardeio israelense perto de Beirute, em 30 de julho. Ele afirmou que o ataque ocorreu em duas fases: primeiro, o lançamento de 340 foguetes katyusha contra 11 alvos militares ao norte de Israel e nas Colinas de Golá sírias, ocupadas pelas forças de Tel Aviv. Os

veículos soviéticos conseguem viajar 40km com ogivas de até 20kg e têm alto poder de destruição.

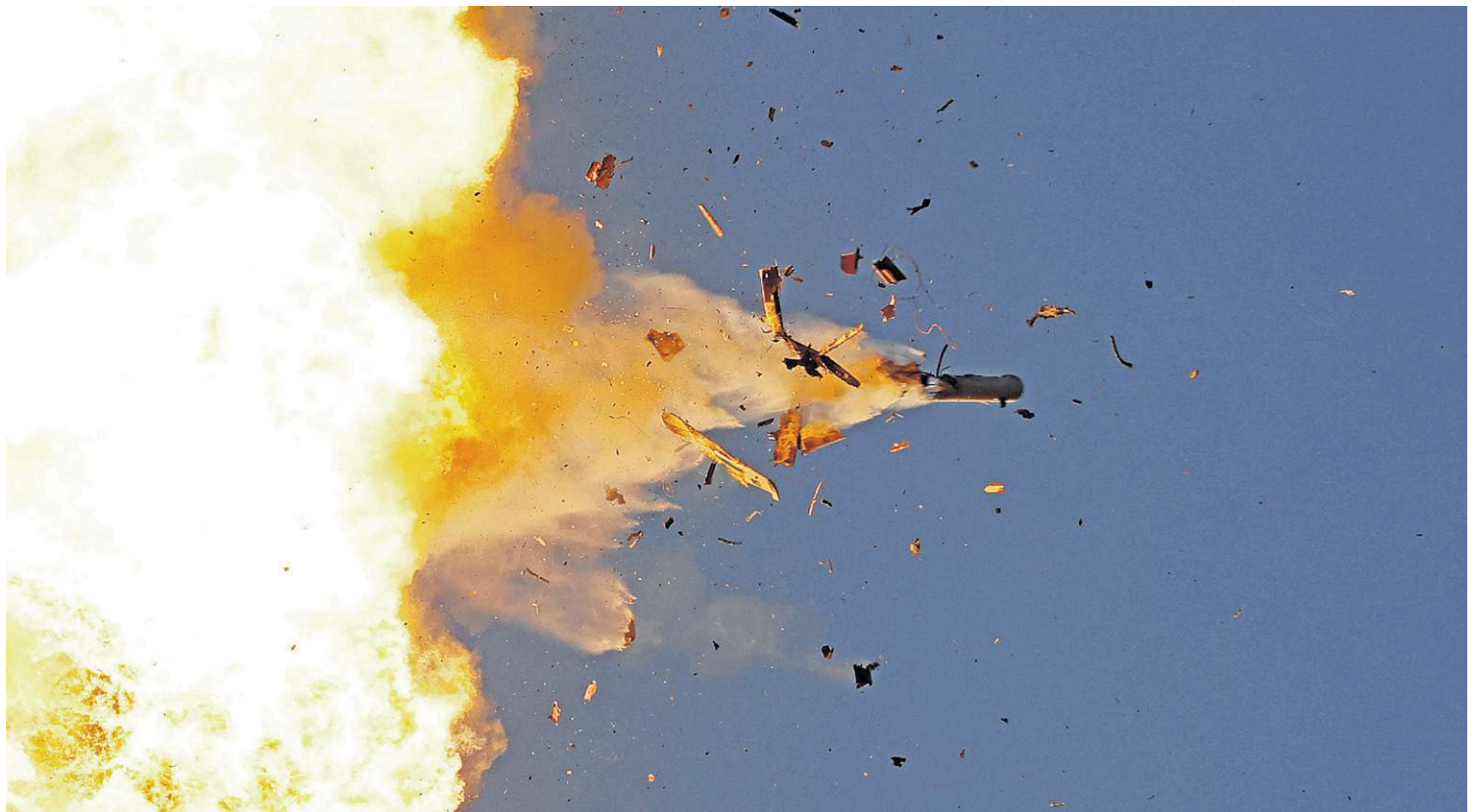
A segunda etapa da ofensiva foi o lançamento de drones ao sul do Líbano e, pela primeira vez, no Vale de Bekaa, ao leste, na fronteira com a Síria. Nasrallah garantiu que “os alvos militares foram atingidos em profundidade”. O chefe do movimento muçulmano deu a entender que a vingança contra a morte de Fuad Shukur poderia terminar. “Se o resultado for satisfatório e atender aos objetivos desejados, consideraremos a operação concluída.”

Israel, contudo, garantiu ter frustrado a ofensiva em grande escala, destruindo a maioria dos foguetes, que não teriam deixado vítimas. Já os bombardeios lançados contra o Líbano mataram uma pessoa em Kham, segundo o jornal britânico *The Guardian*. O primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, destacou que o país se defenderá de qualquer ataque e afirmou que as ações de domingo “não são o fim da história” da campanha militar contra o Hezbollah. Ainda assim, o ministro das Relações Exteriores, Israel Katz, disse que as forças de defesa responderão às ofensivas, mas que o país não visa uma escalada da guerra.

### Apelos

Há semanas, a comunidade internacional vem expressando o temor de uma escalada militar regional na esteira da guerra de Gaza, contra o Hamas, cujas tentativas de cessar-fogo falharam. O presidente norte-americano, Joe Biden, afirmou que está acompanhando os acontecimentos atentamente, e um porta-voz do Pentágono disse à agência France Presse (AFP) que Washington está “pronto para apoiar” a defesa de Israel, seu aliado. Já o Hamas comemorou o ataque do Hezbollah, que classificou de “tapa na cara do governo israelense”.

AFP



Drone não tripulado do Hezbollah é interceptado pela Força Aérea israelense no norte do país: mais de 320 foguetes lançados pelo grupo

AFP



No vilarejo libanês de Qsair, homem observa ataque aéreo

A Organização das Nações Unidas (ONU) no Líbano e o primeiro-ministro libanês, Najib Mikati, pediram o fim da escalada de ataques na região, enquanto o presidente egípcio, Abdel Fattah

al-Sisi, enfatizou a “necessidade de preservar a estabilidade do Líbano”. O chefe da diplomacia britânica, David Lammy, pediu que se evitasse “a todo custo” uma conflagração no Oriente Médio.

## Brasil preocupado

O governo brasileiro afirmou, em nota, que “acompanha, com grave preocupação, a escalada de tensões observada” no Líbano e em Israel. “O Brasil conclama todas as partes envolvidas a exercerem máxima contenção, a fim de evitar a intensificação de hostilidades na região e o alastramento do conflito para o restante do Oriente Médio.” O Itamaraty também desencorajou viagens para a região.

No Reino Unido, a companhia British Airways anunciou o cancelamento de seus voos entre Londres e Tel Aviv até quarta-feira. “A segurança é sempre nossa prioridade máxima”, disse, em nota. A Virgin Atlantic também prorrogou até 25 de setembro a

suspensão do trajeto diário entre as duas capitais.

Já a companhia aérea francesa Air France cancelou “até segunda-feira, 26 de agosto, no mínimo” as conexões para Tel Aviv e Beirute. A alemã Lufthansa suspendeu os seus voos para a capital libanesa até 30 de setembro, e só retoma os trechos para Tel Aviv e Teerã em 2 de setembro.

Os anúncios foram feitos depois que Israel frustrou, com bombardeios no Líbano, um ataque em grande escala do movimento islamista libanês Hezbollah. Foram lançados mais de 300 drones e foguetes em direção ao território israelense para vingar a morte de um de seus líderes.

## VENEZUELA

# Maduro aperta o cerco a opositores

O regime de Nicolás Maduro aumenta a pressão sobre os adversários políticos do presidente venezuelano, que teve sua reeleição ratificada na semana passada pelo Tribunal Supremo de Justiça (TSJ) — sob protestos de parte da comunidade internacional. Sob investigação, após denunciar fraude na votação realizada no fim de julho, o candidato da oposição, Edmundo González Urrutia, foi convocado pelo Ministério Público a depor, às 10h de hoje, sobre a divulgação de supostas atas eleitorais.

A oposição reivindica a vitória de Edmundo González, alegando ter cópias de atas eleitorais que comprovariam a derrota de Maduro. O Ministério Público quer interrogá-lo justamente sobre os fatos relacionados à publicação e manutenção do site <https://resultadosconvzla.com>.

González está escondido desde 30 de julho, quando participou de uma manifestação contra a vitória de Maduro. Ele tem seu acesso a publicações nas redes sociais. O presidente pediu a prisão dele e da líder antichavista

María Corina Machado.

A intimação do MP destaca que ele é investigado por supostos crimes de “usurpação de funções, falsificação de documentos públicos, instigação à desobediência às leis, crimes de informática, associação para cometer crimes e conspiração”.

### Mobilização

Em reação, María Corina, que inicialmente enfrentaria Maduro nas urnas, convocou os venezuelanos para irem às ruas depois de amanhã, data em que se completa um mês das polêmicas eleições. “Nós nos encontramos novamente nas ruas. Neste 28 de agosto, em família, com seus filhos, netos, e com sua ata nas mãos”, publicou María Corina no X.

O Conselho Nacional Eleitoral (CNE) proclamou Maduro reeleito com 52% dos votos, sem publicar os resultados mesa por mesa, como exige a lei. Enquanto isso, a oposição insiste que seu candidato venceu com 67% da preferência do eleitorado, segundo as

AFP



A líder antichavista María Corina Machado abraçada a Edmundo González durante protesto: investigação

cópias das atas divulgadas na Internet. O chavismo sustenta que os documentos são “forjados”.

Há quatro dias, em resposta a um recurso de Maduro, o TSJ, dominado pelo regime, validou os resultados e acusou Edmundo de “instigação de desobediência” por se recusar a comparecer às audiências do “processo de perícia” do material eleitoral.

Outras investigações estão em andamento, envolvendo tanto María Corina quanto Edmundo González. Em 5 de agosto, a Procuradoria Geral da República anunciou uma ação contra ambos por “instigação à insurreição”, entre outros crimes, após publicarem uma carta nas redes sociais, na qual pediram ao Exército que cessem

a “repressão” aos protestos e se afastem de Maduro.

O procurador-geral Tarek William Saab considera os dois líderes opositores responsáveis pelos atos de violência nos protestos que deixaram 27 mortos — dois deles militares —, quase 200 feridos e mais de 2,4 mil presos. “Terão que dar as caras”, enfatizou Saab na última sexta-feira.

### Repúdio

A convocação de Edmundo González ocorre em um momento de forte descrédito internacional da Venezuela. Na sexta-feira, por meio de um comunicado conjunto, os Estados Unidos e 10 países latino-americanos repudiaram a decisão do TSJ que sacramentou a vitória de Maduro.

Para o ministério venezuelano das Relações Exteriores, a contestação é um “erro grosseiro” e faz parte de um “desrespeito contínuo” a Caracas. O chanceler Yván Gil chamou as reações de “um ato inaceitável de interferência”.

Em declaração, no sábado, Josep Borrell, chefe da diplomacia da União Europeia (UE), aderiu às cobranças. “Somente resultados completos e verificáveis de forma independente serão aceitos e reconhecidos para garantir que a vontade do povo venezuelano seja respeitada”, disse Borrell.

Também no sábado, em nota conjunta, os presidentes do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, e da Colômbia, Gustavo Petro, insistiram na necessidade de publicação das atas da eleição presidencial. Na avaliação de ambos, só assim “a credibilidade do processo eleitoral somente poderá ser restabelecida”.